

# BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

## SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

### APROFUNDAMENTO I

## A FORÇA DOS PEQUENOS EM PROL DA VIDA

Jz 9,8-15 é uma fábula antiga que apresenta uma severa crítica aos governantes da monarquia. Na fábula, irônica e cortante, as árvores populares, agradáveis, produtivas e úteis, não aceitam reinar, mas o espinheiro, que é perigoso, aceita exercer a função de rei:

*Então todas as árvores disseram ao espinheiro: “Venha reinar você sobre nós!” O espinheiro respondeu às árvores: “Se vocês querem de verdade ungir-me rei sobre vocês, venham abrigar-se debaixo da minha sombra. Mas, se não querem, que saia fogo do espinheiro e devore os cedros do Líbano” (Jz 9,14-15).*

Jz 9 descreve o processo de ascensão ao poder (Jz 9,1-6). Conforme a crítica de quem defende o poder participativo a serviço da vida do povo, o “espinheiro”, inútil e ganancioso, representa aquele que se dispõe a exercer o poder centralizado com “fogo” (violência) a serviço de seu interesse, explorando a vida do povo. É o retrato dos reis e governantes espinheiros que exploram e devoram o povo, transformando-o em alimento que sustenta a estrutura corrupta e injusta do Estado. “Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão” (Mq 3,3), grita o profeta Miqueias, representante dos pequenos, contra os governantes da monarquia do rei Ezequias, por volta do ano 715 a.C.

Após a destruição da monarquia e o período exílico, foi estabelecida a teocracia com o apoio do império persa, na Judeia. Não há mais os reis espinheiros, mas agora os teocratas espinheiros, que continuam explorando e devorando o povo com o poder centralizado no Templo de Javé do Estado. O Templo, com a teologia da retribuição, a lei da pureza e seu sacrifício de purificação (Lv 11-16), torna-se o principal mecanismo de arrecadação de tributos para a manutenção da teocracia corrupta de Jerusalém, que repassa uma parte da arrecadação ao Império (cf. Esd 7,25-26; Ex 25,1-9).

A exploração pelos governantes teocratas atinge diretamente os pobres e pequenos: “Estes andam nus por falta de roupa, e os famintos carregam feixes. Eles

espremem azeite no moinho, e os que pisam a uva passam sede. Na cidade os mortais gemem e os feridos pedem socorro, mas Deus (controlado pelo Templo de Jerusalém) não dá importância a essa infâmia” (Jó 24,10-12). A história segue e se repete... A Bíblia testemunha que os pequenos continuam sendo explorados e escravizados, no decorrer dos séculos, pelos teocratas judaicos, junto com os impérios poderosos, como o dos gregos e dos romanos.

#### *Acreditar nas forças dos pequenos*

Ao percorrer os livros sapienciais, percebe-se que, mesmo sofrendo com injustiça, exploração e violência por parte dos poderosos judeus e estrangeiros, os pequenos não desistem de viver, resistir, sonhar, lutar por vida digna, com sabedoria, ousadia e teimosia:

- a) “Existem quatro seres pequeninos na terra, que são mais sábios que os sábios: as formigas, povo fraco, mas que recolhe sua comida no verão; as marmotas, povo sem força, mas que faz suas tocas nos rochedos; os gafanhotos, que não têm rei, mas saem todos em bando; as lagartixas, que a gente pode pegar com a mão, mas entram até em palácios de reis” (Pr 30,24-28). Pr 30,1-14 retrata a injustiça social dos poderosos que massacram o povo. Em contrapartida, Pr 30,24-28 descreve a força dos pequenos com sua sabedoria, organização, habilidade, coragem e resistência em defesa da vida.
- b) “Vi ainda outra coisa debaixo do sol, e foi uma grande lição para mim: havia uma cidade pequena, com poucos habitantes. Um rei poderoso veio e a sitiou, construindo contra ela fortes máquinas de guerra. Havia na cidade um homem de origem pobre, porém sábio. Com sua sabedoria, conseguiu salvar a cidade. Contudo, ninguém mais se lembrou desse pobre homem. Eu disse então a mim mesmo: a sabedoria vale mais do que a força, só que a sabedoria do pobre é desprezada, e ninguém dá atenção a seus conselhos”

(Ecl 9,13-16). Ao afirmar que a sabedoria do pobre é mais poderosa que as máquinas de guerra, a experiência da vida anima e ensina que os pequenos podem vencer os poderosos pela sabedoria a serviço da vida, sobretudo pela força da união dos pequenos, os desprezados pela sociedade dos poderosos (Ecl 4,12).

#### *Acreditar no Deus dos pequenos*

Diante do avanço da helenização (a busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra) dos poderosos gregos e romanos (Sb 2), que provoca a exploração do trabalho, escravização, problemas sociais, destruição etc., os pequenos se reúnem, resistem e lutam pela vida. Essa luta é movida pela fé no Deus dos pequenos:

- a) “Tu és o Deus dos humildes, o socorro dos pequenos, o amparo dos fracos, o abrigo dos abandonados, o salvador dos desesperados. Sim, sim, Deus de meu pai, Deus da herança de Israel, soberano dos céus e da terra, criador das águas, rei de toda a criação, escuta minha súplica” (Jt 9,11-12). Embora o livro de Judite apresente ensinamentos patriarcais e androcêntricos dos fariseus que definem a beleza das mulheres como uma ameaça (cf. Jt 16,6-9; Eclo 42,12-14), a oração de Judite (Jt 9), inspirada em vários salmos, carrega em seu cerne a fé no Deus criador dos pequenos, órfãos e viúvas, que alimenta e anima a luta pela vida.
- b) “Não busquem a morte no erro da vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que praticam, pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. As criaturas do mundo são sadias, e nelas não há veneno de ruína. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal!” (Sb 1,12-15). Deus criou todas as coisas para a vida: terra, plantas, animais, seres humanos... Por seu próprio ciclo natural, tudo nasce, cresce e morre. Cumpre sua existência física na gratuidade de Deus. Mas há a morte antecipada pela maldade e pela injustiça praticada pelos poderosos. Acreditando no Deus da vida, os pequenos devem praticar a justiça, promovendo o projeto do Deus da vida e superando, assim, a morte: “A vida se encontra no caminho da justiça, em cuja direção não existe morte” (Pr 12,28); “Quem oprime o pobre, ofende seu Criador; mas presta-lhe honra quem tem misericórdia do indigente” (Pr 14,31).

#### *Acreditar na construção do Reino de Deus*

No tempo de Jesus de Nazaré, com a implantação sistemática da helenização, marcada pela tirania e pela brutalidade, Herodes e seus filhos, seguindo a ordem do império romano, espalharam pobreza, doença e desespero no meio dos camponeses, que constituíam cerca de 95% ou mais da população da Palestina. Nesse caldeirão de sofrimento, o movimento de Jesus junto com os pequenos (Lc 10,21) nasceu, cresceu e anunciou os ditos sapienciais de orientação e de exortação à luta pela sobrevivência:

- a) “Elevando os olhos para seus discípulos, Jesus dizia: ‘Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque hão de sorrir’” (Lc 6,20-21). As bem-aventuranças aos pobres não significam a exaltação de sua condição precária e sofrida, mas, sim, contradizem os critérios que vigem no mundo: a libertação pelo desapego dos bens, contrariando o movimento da helenização (Lc 6,24-26).
- b) “Amem seus inimigos, façam o bem a quem odeia vocês. Falem bem de quem fala mal de vocês. Rezem por aqueles que os caluniam. Quando alguém lhe bater numa face, ofereça também a outra” (Lc 6,28-29). A justiça de Deus é amar gratuitamente até os inimigos, sem nada esperar, rompendo com a relação de interesse que gera lucro e poder (Lc 6,30-35). Agir gratuitamente para com todos é um dever de quem é fiel a Deus Pai e a seu amor gratuito (Lc 6,36). Só assim é possível superar o mal que aflige o mundo.
- c) “Jesus dizia: ‘A que é semelhante o Reino de Deus? Com o que eu poderia compará-lo? Ele é como uma semente de mostarda que um homem pegou e lançou em sua horta. Ela cresce, torna-se árvore e as aves do céu fazem ninhos em seus ramos’” (Lc 13,18-19). A imagem de um grão de mostarda é algo pequeno e insignificante, mas tem força transformadora. A presença do Reino de Deus não deve ser um poder ostensivo, glorioso e excludente, mas, sim, se faz de modo inexpressível e oculto entre os pequenos e humildes, com a prática da justiça, do amor, da fraternidade, e com muita esperança e paciência histórica.

Ontem e hoje, persiste a realidade dos pequenos, que são explorados e esmagados pelo poder centralizador e conquistador em benefício de uma minoria gananciosa e privilegiada: “Eu vi aparecer um cavalo esverdeado. Quem estava montado nele tinha o nome de Morte, e a Morada dos Mortos o acompanhava. Eles receberam autoridade sobre a quarta parte da terra, para poderem matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra” (Ap 6,8).

A realidade do Brasil não poderia ser diferente. Um quarto da população brasileira – 52,7 milhões de pessoas – vive em situação de pobreza ou extrema pobreza. Diariamente, os meios de comunicação registram cenas de pessoas desesperadas em busca de alimento nos lixões. A fome, a doença, a violência, a ganância, o descuido dos governantes, a insensibilidade e a irresponsabilidade de muitos... Apesar de tudo – repito, apesar de tudo –, acreditemos na força dos pequenos, das “sementes de mostarda”, com a fé no Deus dos pequenos e com o trabalho comunitário: “É melhor dois juntos do que alguém sozinho, porque melhor será o resultado do que fazem. Se um cair, seu companheiro o levantará. Um sozinho é derrotado, mas dois juntos vão resistir. A corda tríplice não arrebenta tão fácil” (Ecl 4,9-10.12).



## APROFUNDAMENTO II

# DEUS GO'EL, PROTETOR E PADRINHO DO POVO SOFRIDO

Os redatores pós-exílicos do livro de Josué reproduzem a assembleia de Israel após a conquista e a partilha da terra (Js 24). Nela, Josué convoca o povo para renovar a aliança com Javé, alertando para a infidelidade ao Deus de Israel:

*Josué disse a todo o povo: “Vocês não podem servir a Javé, porque ele é um Deus santo, ele é um Deus ciumento, ele não carrega os delitos de vocês, nem suas transgressões. Supondo que vocês abandonem a Javé para servirem a outros deuses, ele se voltará e irá tratar mal a vocês e os destruirá, depois de tê-los tratado tão bem” (Js 24,19-20).*

O texto descreve a imagem de Deus poderoso e ciumento como força para manter o sistema tributário do Templo de Jerusalém, com o monoteísmo, a teologia de retribuição (bênção e maldição) e a lei de pureza. A imagem de Deus Javé castigador se torna tão forte que chega até a destruir os infiéis para fortalecer o poder e o controle dos teocratas sobre o povo, com a ordem do império persa: “Quanto a você, Esdras, de acordo com a sabedoria do seu Deus, a qual você tem nas mãos, nomeie magistrados e juízes, que apliquem a justiça para todo o povo do lado ocidental do rio Eufrates, para todos os que conhecem a lei do seu Deus. E a ensine para os que não a conhecem. Quem não obedecer à lei do seu Deus, que é a lei do rei (da Pérsia), será castigado rigorosamente, com morte e exílio, multa ou prisão” (Esd 7,25-26).

Diante desse controle e da opressão dos teocratas, os pobres explorados e oprimidos gritam: “Eu sei que o meu protetor (go'el, redentor, defensor, padrinho) está vivo e que no fim se levantará sobre o pó. E ainda que tenham cortado minha pele, na minha carne eu verei a Deus! Então eu mesmo o verei! Meus olhos poderão vê-lo, e não um estranho. Meus rins se consomem dentro de mim” (Jó 19,25-27). Jó, representante dos pobres impuros (Jó 24), invoca Deus redentor e protetor, descrito como o go'el, parente próximo, que liberta os hebreus do Egito (Sl 106,10), resgata os exilados (Is 41,14) e socorre os pobres (Rt 2,20).

O livro de Jó, como Jonas e Cântico dos Cânticos, critica a religião centrada no Templo, na teologia da retribuição e nos sacrifícios com Deus poderoso e castigador, presente no santo dos santos do Templo, onde somente o sumo sacerdote consegue entrar. Para os pobres oprimidos, Javé do povo é Deus, Pai e Mãe (Os

11,3-4), Deus criador, Deus da gratuidade, que caminha, convive, protege e está no meio dos pequenos: “Eu te conhecia só de ouvido. Mas agora meus olhos te veem” (Jó 42,5).

A religião dos teocratas, com a imagem do Deus poderoso, a teologia da retribuição e a lei da pureza, perpassa a história, consolida-se e chega até o Sinédrio, instituição judaica do tempo de Jesus de Nazaré. Fariseus, um dos grupos integrantes da instituição, pregam a salvação pela estrita observância da lei da pureza e impõem o Deus poderoso e legalista, a fim de provocar o temor e controlar a população judaica. Com a imposição do temor ao “sagrado” do Templo de Jerusalém, eles proíbem até o uso do nome de Javé, designando-o como “meu Senhor” (*Adonai*, em hebraico).

Entretanto, Javé popular, Deus go'el, com a teologia da gratuidade, também persiste e perpassa a história. Marca os movimentos de resistência ao Sinédrio, aliado com o império romano, que é aparelhado com a religião imperial da idolatria – culto aos deuses e ao imperador –, a serviço do lucro e do poder. Um dos movimentos é o de Jesus de Nazaré, que prega o Deus dos pequenos: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21). É o Deus da vida, Pai protetor, que caminha com os pequenos no amor, na misericórdia e na justiça (Lc 6,20-23).

Na caminhada dos seguidores e das seguidoras de Jesus Cristo, Deus continua sendo Deus paternal e maternal da gratuidade que se manifesta na palavra e na prática do amor de Jesus de Nazaré, nas quais nascem e crescem as comunidades cristãs:

a) “Ao cair da tarde, quando o sol se pôs, levavam a Jesus todos os que estavam doentes e os endemoninhados. A cidade inteira estava reunida na frente da porta. E ele curou muitos doentes de várias doenças e expulsou muitos demônios” (Mc 1,32-34). A comunidade de Mc, que é formada por pessoas exploradas pelo Império e oprimidas pela autoridade judaica, por volta do ano 70 a.C., descreve a prática “pastoral” de Jesus de Nazaré, convivendo com os pobres impuros, “endemoninhados”. Nessa prática, transparece a imagem de Deus go'el, que convive e carrega a “cruz” com os mais empobrecidos e esquecidos da sociedade de ontem e de hoje.





- b) "Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro (forasteiro) e me acolheram, estava nu e me vestiram, estava doente e me visitaram, estava na cadeia e vieram me ver" (Mt 25,35-36). No tempo da comunidade de Mateus, por volta do ano 80 d.C., os judeus fariseus, autoridade judaica, com Deus castigador e seu messias triunfalista e ritualista, condenam quem não pode observar a lei da pureza e mal sobrevive no dia a dia: camponeses sem terra, desempregados, famintos, forasteiros, doentes etc. A comunidade de Mateus propõe uma inversão: proclama Deus Pai misericordioso e o messias servo com a prática do amor, da compaixão e da solidariedade, porque Deus está conosco – Emanuel (Mt 1,23).
- c) "Ele ainda estava longe, quando seu pai o viu. Encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se ao pescoço dele e o beijou com ternura. (...) 'Porque este meu filho estava morto e voltou a viver, estava perdido e foi encontrado'" (Lc 15,20.24). O evangelho de Lucas, escrito para as comunidades localizadas em cidades grandes, com a presença de ricos e pobres, insiste na misericórdia e na solidariedade com as pessoas empobrecidas à margem da sociedade, apresentando o rosto de um Deus compassivo e amoroso.
- d) "Da forma que meu Pai amou, eu também amei a vocês: permaneçam no meu amor. Se vocês guardarem os meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai e permaneço no amor dele" (Jo 15,9-10). No meio da perseguição do imperador Domiciano (81-

96 d.C.), junto com os judeus fariseus (Jo 15,18-16,4), a comunidade de João apresenta o Deus Amor na face de Jesus Cristo, o "bom pastor" (Jo 10), oposto à imagem do imperador, aquele que exige ser adorado como deus, e à imagem do Senhor Deus poderoso e legalista das autoridades dos judeus fariseus. A comunidade joanina chega até a dizer: "Pois Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que não morra quem nele acredita, mas tenha vida eterna" (Jo 3,16).

Uma década depois, a comunidade joanina escreve as cartas de exortação aos seus fiéis: "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus. E todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus" (1Jo 4,7); "Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração?" (1Jo 3,17). O amor de Deus deve ser traduzido em vida concreta: o amor ao próximo. Pois o Deus de Jesus Cristo é amor, não o terror do deus imperador nem maldição do deus legalista e ritualista dos judeus fariseus.

Quase dois mil anos se passaram, e a comunidade joanina continua exortando os seguidores e as seguidoras de Jesus Cristo crucificado a uma manifestação maior do amor ao próximo do Deus Pai. Pois o imperialismo, com o deus poderoso e glorioso, continua encarnado em muitas "bestas" de hoje (Ap 13,11-18), atraindo, devorando e sacrificando as pessoas inocentes pelo trabalho escravo, pela fome, pela violência etc. Até as igrejas, com seu Cristo triunfalista, legalista e ritualista, colaboram e justificam a atuação das bestas do presente.



## CENTRO BÍBLICO PAULUS

O **Centro Bíblico PAULUS** é um organismo da **PAULUS** para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos.

Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura.

**Informações Centro Bíblico: [centrobiblico@paulus.com.br](mailto:centrobiblico@paulus.com.br)**



**Editora:** Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Valdir José de Castro — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br) - [paulus.com.br](http://paulus.com.br)  
**Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

